



Raymundo Palhano: Um Pouco de História e Herança¹

Robério dos Santos Pereira Braga²

Ofereço este modesto estudo histórico a José Alberto Machado que tem estimulado em mim as pesquisas sobre vultos e personalidades com vivência no espiritismo amazonense. À memória de Evaristo Wanderley, meu tio e figura que muito contribuiu na Federação Espírita do Amazonas.

“Viver é um combate perpétuo, e na luta os fortes são sempre os vencedores”. Charles Richet³

Introdução

Vem de muito tempo a busca pela Amazônia. A região na qual a presença do homem é referenciada há milênios de anos, com civilizações bem constituídas e em evolução, em cujo corpo se insere o antigo Lugar da Barra do Rio Negro, pequeno aglomerado de povos tradicionais de diversas etnias reunidas muito antes da edificação da casa forte sob a invocação de São José no meado dos anos seiscentos.

A Amazônia seduz. Muito maior foi a sedução quando no século XIX representava um mundo por descobrir. A fantasia, o sonho e a imaginação dos viajantes, sobretudo dos estrangeiros que penetraram pelos seus rios interiores deixaram a sensação de um local mágico, indecifrável e indescritível. Ainda que para alguns pudesse representar mistério e por isso mesmo algo assustador, havia sobre ela um ardoroso desejo de conhecê-la e descrevê-la. E em outros tantos o de habitá-la e nela realizar projetos de vida. Com esse intuito revelado ou nem tão a descoberto, para ela acorreram brasileiros dos mais diversos lugares, particularmente do nordeste que sofria com a seca. Famílias inteiras deixaram suas terras de origem para uma aventura na Amazônia, e, neste contexto, a cidade de Manaus que brilhava em modernidades e tilintava em libras esterlinas acolheu a muitos desses brasileiros e estrangeiros também apaixonados pelas águas e pela floresta densa.

Dentre os vários pesquisadores, médicos, juristas, farmacêuticos, químicos, professores e profissionais das mais diversas áreas, e dos milhares de trabalhadores anônimos que se dirigiram para a capital amazonense em busca de novos e ardorosos dias de venturoso progresso pessoal, esteve Raymundo de Carvalho Palhano, nascido no Maranhão⁴, ao que se sabe em 1868. Tendo estudado na sua terra onde fez também os cursos preparatórios, deve ter-se formado em Farmácia na Escola da capital do império e da República: o Rio de Janeiro.

Sabidamente há de ter sido colega de vários jovens que se tornaram notáveis na vida brasileira, afinal o Rio de Janeiro era campo fértil para a prosperidade intelectual. Afastamos, entretanto, a hipótese de haver sido colega de Bezerra de Menezes, ainda que ambos tenham sido formados na

¹ Palestra proferida no dia 24 de outubro de 2013, em Manaus, durante o III Simpósio FAK, realizado pela Fundação Allan Kardec. Este trabalho contou com a colaboração de Carlos Adart (informática) e Raimundo Nonato dos Santos Braga (apoio de pesquisa).

² Robério Braga é professor, advogado e escritor. Formado no Instituto de Educação do Amazonas (1969), formou-se em Direito na Universidade Federal do Amazonas (1974), pós-graduado em Administração de Política Cultural pela Universidade de Brasília/CNRC, em convênio com a Organização dos Estados Americanos - OEA (1979), Mestre em Direito Ambiental pela Universidade do Estado do Amazonas (2004), é doutorando da Universidade Illes Balears, Espanha.

³ O PAIZ, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1916.

⁴ MENEZES. Aderson Andrade de. História da Faculdade de Direito do Amazonas. Manaus: Sérgio Cardoso, 1959, p. 64.

mesma escola de nível superior, certamente porque foram de épocas diversas. Bezerra de Menezes nasceu em 1831. Vinte anos depois estava no Rio de Janeiro, doutorando-se em 1856, portanto, bem antes do nascimento de Palhano. Pode ter sido aluno (?) de Bezerra de Menezes, visto que em 1886 Palhano dava ingresso no curso de farmácia da Academia do Rio de Janeiro, quando Bezerra já era membro honorário da secção de cirurgia da escola.

O curso que Palhano fez era desenvolvido em três anos, conforme a Reforma Saboia, de 1882⁵, que resultou em mudança completa dos métodos e técnicas de ensino, criação de laboratórios de apoio à prática médica, transformação do currículo e adoção do modelo germânico que pregava o ensino prático e livre⁶. Em julho de 1888 chegava a São Luís de uma viagem feita ao Ceará, possivelmente em consequência de estudo⁷.

Formando-se, Raymundo retornou a sua terra para o exercício da profissão e convivência social, mas deve ter se deslocado logo depois para o Piauí.

Na terra do nascimento

Filho de escravocrata, dos mais ricos da região de Codó, proximidades de Terezina do Piauí, em terras na vertente esquerda do Rio Itapecuru, na então Província do Maranhão, foi na fazenda Mata Virgem, terras de seu pai, que nasceu Raymundo de Carvalho Palhano, visto que a fazenda deve ter sido formada por volta de 1860, e está muito bem descrita por José Palhano de Jesus em opúsculo especial denominado de *Farrapos de Tempos idos...*, que nasceu e se criou no mesmo lugar, possivelmente convivendo com Raymundo, posto que da mesma geração⁸.

A descrição é rica e minuciosa. Coisas de lembrança de menino, aquela que nada se apaga, nem com o tempo. Havia a casa grande, no centro e à direita a casa de engenho, ficando a estrabaria à esquerda, com o curral. A casa principal era composta com ampla varanda, e nos fundos, ranchos conjugados para os escravos. Paióis de arroz e milho, casa de feitor, arborização com mangueiras, açude e poço, tudo para lavoura de algodão exportado para venda. Arroz, farinha, milho, fumo, carneiros e porcos, embora em abundância, não eram vendidos, mas doados.

A casa do engenho era coberta de palha de babaçu da mesma forma que a parte central da casa grande e a varanda de terra batida que ficava na frente do casarão. A vida era rural. Rica. Tocada com austeridade pelo patriarca. Por lá havia um professor, o português Augusto Leonídio que pode ter sido o cultor das primeiras letras em Raymundo, a conviver com o mulato compadre Alfredo, que era o feitor branco.

Eis o ambiente em que Raymundo viveu os primeiros anos de sua vida.

Nas terras do Piauí

Encravado em um Brasil monárquico, de governo centralizado, o Piauí vivia uma intensa atividade política. Bastante ativo na campanha republicana desde antes de 1870. É que o jornalista David Caldas havia lançado em 1868 o jornal *O Amigo do Povo*, pelo qual combatia a monarquia ferozmente, e em cujas páginas publicou o Manifesto Republicano de 1870, causando alvoroço na província. No ano seguinte incluiu como subtítulo do seu jornal o dígito: “órgão do Partido Republicano do Piauí”. Dois anos depois mudou o nome do jornal para *Oitenta e Nove*, e em 1877 lançou o jornal *O Ferro em Brasa*, com maior vigor contra a monarquia. A partir de 1880 aumentaria o ânimo republicano naquela capital muito em razão do empenho dos bacharéis da Escola do Recife, em cujo grupo se incluía Rego Monteiro e Joaquim Ribeiro Gonçalves. A resistência dos conservadores não seria menor, em cuja linha partidária se encontrava Coelho de Rezende, um dos fundadores do jornal *A Reforma*, em 1887.

⁵ Trata-se do cearense Vicente Cândido Figueira Saboia, médico formado em 1858 pela Academia do Rio de Janeiro, professor e diretor da faculdade, e que foi encarregado pelo governo imperial de propor uma reforma do ensino que acabou estabelecendo o ensino livre.

⁶ Os cursos de medicina do Rio de Janeiro tiveram início em 1808, no Morro do Castelo, nas instalações de jesuítas, sendo reorganizados em 1813 com a criação da Academia de Medicina Cirúrgica do Rio de Janeiro e em 1832 ampliada para ensinar também farmácia e obstetrícia.

⁷ O PAIZ, São Luís, 20 de julho de 1888.

⁸ CADAVAL. Maurício. Três fazendas. Disponível em: <www.Cadaval.com.br/genealogia/Tresfazendas.pdf>. Acesso em: 31 Out 2013.

Importante registrar que, tempos depois, Rego Monteiro, Coelho de Rezende e vários dos irmãos Palhano, inclusive Raymundo, estariam atuando em Manaus e no interior, ao lado de outros maranhenses e piauienses que se tornaram ilustres.

Diante do clima de animação republicana Raymundo Palhano se interessou pela vida política e partidária e conseguiu eleger-se deputado ao primeiro Congresso Constituinte do Estado do Piauí⁹. Palhano participou das reuniões legislativas e constituintes de abril de 1890 a maio de 1891, sendo a Carta por ele assinada promulgada sob a presidência do deputado Simplício de Souza Mendes.

Uma reviravolta no Governo Federal modificaria o cenário político em todo o País. No Piauí o Congresso do Estado foi dissolvido em fins de novembro de 1891 em razão do novo governo revolucionário chefiado por Floriano Peixoto. Depois disso foi composto outro Congresso de Representantes, e editada a Constituição de 1892¹⁰. Fórmula, aliás, que se efetivou também no Amazonas com a eleição de Eduardo Gonçalves Ribeiro, cuja vida se entrelaçaria com a da família Palhano em algumas circunstâncias.

Os registros conhecidos dão conta de apenas esta experiência política de Palhano no Piauí, visto que ele não mais integrou o Congresso seguinte, recomposto para atender às ordens florianistas, não tendo firmado, por isso mesmo, a segunda Constituição do Estado.

Sua participação na política piauiense poderia ser explicada por ter nascido e sido criado na cidade de Codó, terra maranhense, mas bastante próxima de Terezina, e, com isso, estabelecido relações sociais e políticas com líderes da terra de Petrônio Portela.

Caminhando pela floresta

Ao que se depreende dos fatos conhecidos, logo após a experiência parlamentar e constituinte no Piauí, Palhano se transferiu para Manaus, a capital da hévea, interessado na vida regional e em aproveitar o período de bastante econômica, em viver a *belle époque* amazonense. Outro aspecto motivador dessa migração deve ter sido o fato de que havia em Manaus grande comunidade maranhense e piauiense, parte dela com expressiva influência política, social, cultural e econômica. Ao que parece, entretanto, não se transferiu de forma definitiva, atuando concomitantemente em Manaus e em São Luís, durante alguns anos.

No exercício da profissão de farmacêutico já o encontramos atuando na capital amazonense em 1891¹¹, época de acirrada disputa política entre Eduardo Ribeiro e Thaumaturgo de Azevedo. Vale considerar, que em 1893 deu-se o nascimento de seu primeiro filho, Fábio Martins Palhano, do casamento com dona Perpétua Martins, o que exige admitirmos que possa ter promovido uma transferência gradativa para a capital amazonense.

Sua permanência em Manaus foi longa e frutífera. Exerceu o magistério ginasial, enveredou pela política partidária, trabalhou na maçonaria, participou ativamente do movimento espírita, atuou na Universidade Livre de Manáos, foi jornalista, e tudo isso desempenhando funções como farmacêutico, não só em Manaus como em Parintins, localidade de grande influência judaica e da igreja católica de base italiana, e, ao mesmo tempo, campo de prática de fenômeno espíritas.

Naqueles mesmos anos é possível verificar que Raymundo manteve várias atividades e residência fixa no Maranhão, enquanto atuava em Manaus, inclusive a de jornalista e diretor proprietário do jornal *O Domingo*, com edição semanal e circulação em São Luís¹².

⁹ As eleições foram realizadas em 3 de maio de 1891, por convocação do governador Álvaro Moreira de Barros Oliveira Lima.

¹⁰ Igual processo sucedeu no Amazonas com o afastamento de Thaumaturgo de Azevedo e nomeação, eleição e posse de Eduardo Ribeiro, que exerceu o mandato até 1896.

A nova constituição foi aprovada ao tempo do governo de José Coriolano de Carvalho e Silva, e promulgada em 13 de junho de 1892.

¹¹ Deve ter chegado a Manaus após maio de 1891, período em que foram encerradas as atividades constituintes das quais participou no Piauí.

¹² PACOTILHA, 21 de dezembro de 1903.

A mudança definitiva para o Amazonas deve ter sido realizada em novembro de 1904, porque na ocasião se desfez da casa de residência na Rua do Passeio, n. 10, e do mobiliário que a compunha, informando na imprensa que resolvera deslocar residência para Manaus¹³.

Nos anos 1930 não mais se encontrava em Manaus, pois é possível identificar sua presença na Igreja Positivista do Rio de Janeiro, em 1934, sendo de cogitar que tenha seguido para a capital da República, como muitos outros, em razão da revolução getulista, ou um pouco antes.

O farmacêutico

Após ter realizado os preparatórios para o curso superior em farmácia na cidade de São Luís do Maranhão, concluídos em 1881, na companhia de Fausto Martins de Lima, Luiz Rodrigues de Carvalho, Manoel José Ferreira Júnior¹⁴, Raymundo foi estudar no Rio de Janeiro onde graduou-se farmácia na Faculdade de Medicina, nos primeiros dias de janeiro de 1886. Na mesma turma estavam os também maranhenses João Rodrigues da Silva Sardinha e José Firmino Lopes de Carvalho¹⁵.

A profissão de farmacêutico foi determinante na vida de Raymundo no Amazonas, seja na atividade pública ou privada. Os negócios eram prósperos em Manaus. Havia grande número de farmácias e boticas aviando remédios para um grupo expressivo de médicos, muito deles de renome e com formação e experiência relevante, até no exterior, em centros de grande qualidade e renome da Europa.

Sabe-se que no exercício da sua atividade profissional em 1896 havia constituído uma sociedade com Serapião de Aguiar Mello adquirindo a Farmácia Humanitária, que passou a ser gerida pela empresa Aguiar Palhano & Cia¹⁶.

O ano de 1897 no qual ele era o farmacêutico responsável pela Farmácia Calmont, foi de penúria para a cidade de Manaus no campo da saúde pública. A varíola grassava. Várias comissões foram compostas para combater a doença. Raymundo atuou como vacinador na Colônia Oliveira Machado, juntamente com Astrolábio Passos e Segismundo Garcez¹⁷. No mesmo ano submeteu ao laboratório oficial do Estado, para testes, um produto elaborado sob sua responsabilidade e denominado *Antipaludosas*, que foi amplamente comercializado em Manaus¹⁸. Estaria aí o cientista? Ou terá sido apenas mais um dos farmacêuticos experimentados em laboratório de manipulação capaz de constatar a necessidade de medicamento sob o ponto de vista clínico e econômico?

Naquele mesmo ano (1897) dona Perpétua Martins, sua esposa, iniciou a sociedade comercial em farmácia com Júlio Verne de Mattos Pereira¹⁹, constituindo a empresa M. Pereira & Cia, cujo prestígio era reconhecido na cidade, e, além de outros remédios, desenvolveu e vendeu desde 1902, o *vinho febrífugo*.

Em novembro de 1900 outro farmacêutico passou a exercer a responsabilidade técnica pela Farmácia Palhano: Miguel Lino de Menezes Macedo²⁰, substituindo a Archimino Pereira da Fonseca, talvez aqui esteja a data de seu retorno a São Luís para nova temporada. Mesmo assim Raymundo não deixou de desenvolver a atividade comercial que se tornou tão próspera a ponto de em 1910 ser incluído entre os quinze maiores contribuintes do imposto de indústria e profissão arrecadado pelo Estado²¹. É possível cogitar que tal condição econômica tenha sido propiciada pelos produtos destacados de sua farmácia, precisamente o *Vermicina*

¹³ PACOTILHA, 18 de novembro de 1904. Há um edital de leilão de vários móveis, pelo agente Garibaldi, indicando a lista de bens que ficaram para leilão público, na qual pode ser constatada a existência de um piano inglês, feito especialmente para o clima tropical, de marca Brinsmead, mobília austríaca, cama de ferro, relógios, escrivatinhas e outras peças.

¹⁴ O PAÍZ, Maranhão, 25 de dezembro de 1881.

¹⁵ O PAÍZ, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1886.

¹⁶ Constituída em 16 de março de 1896.

¹⁷ DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, Manaus, 11 de maio de 1897.

¹⁸ É possível encontrar em jornais da época, inclusive do Estado do Maranhão, vários agradecimentos de usuários do remédio, ressaltando a qualidade e eficácia do tratamento.

¹⁹ Trata-se do farmacêutico e político Júlio Verne, avô materno do político amazonense Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Neto.

²⁰ Que havia sido gerente da Drogeria Universal, também em Manaus.

²¹ Certidão passada por J.B. Faria e Souza, em 2 de janeiro de 1911. O Correio do Norte, Manáos, 10 de julho de 1910.

*Palhano e a Antipaludoza Palhano*²², além das atividades pessoais que possa ter desenvolvido. Era uma fase de grande concorrência. Vários remédios de farmácia eram vendidos na praça manauense. As boticas ganharam fama e prestígio desde os fins do século XIX na capital amazonense, e costumavam trazer o nome da farmácia ou do farmacêutico como forma de adquirir crédito junto ao consumidor, exatamente como sucedeu com Palhano²³.

Após exercer essa atividade em Manaus Raymundo foi farmacêutico no Rio de Janeiro, na Rua do Catete²⁴, vinculado ao sistema de Laboratório Nacional de Análises²⁵. Mais tarde foi um dos químicos do Laboratório de Análises de São Paulo²⁶.

A tradição familiar no ramo farmacêutico se ampliou além de Raymundo Palhano, merecendo prêmios em Manaus e em São Luís. Em 1905, por exemplo, Anísio Palhano de Jesus recebeu prêmio na categoria de produtos químicos e farmacêuticos, com medalha de bronze, e Palhano & Passos medalha de ouro em artigos de viagem. Na mesma cidade, em 1921, ainda havia a Farmácia de Raymundo Palhano, cuja notícia de sua existência vinha desde os primeiros anos de 1900, levando a supor que, mesmo morando em Manaus ou em Parintins, mantivesse o serviço farmacêutico na sua terra natal, com a empresa Raymundo Palhano & C., situada na Rua Grande, n. 6, considerado ponto tradicional da cidade. Era uma farmácia bem montada, “um estabelecimento de primeira ordem, dotado com os mais modernos aparelhos e bem sortidas drogas”. No andar superior havia um consultório médico para uso dos doutores Costa Rodrigues, Oscar Galvão e Juvêncio Mattos. O estabelecimento foi inaugurado em 4 de novembro de 1901²⁷. Pouco tempo depois seria colocado à venda, em 4 de novembro de 1904, em razão de sua transferência para Manaus²⁸.

Também no Maranhão, em São Luís, em 1902 foi tesoureiro da comissão em favor da construção do hospital dos Lázaros²⁹.

Quando já atuava no Rio de Janeiro, em 1929, lançou um dos mais importantes produtos de sua farmácia sob o ponto de vista econômico, que se tornou bastante conhecido em todo o País: o Leite de Rosas, sucesso absoluto no segmento por muitos anos. Da propaganda do produto, veiculada no revista *Careta*, do Rio de Janeiro e com circulação em grande parte do território nacional é possível extrair os seus objetivos: “o único especificamente preparado e clinicamente indicado para limpeza e tratamento externo da pele. Poderoso desodorante do suor, conserva a pele rigorosamente limpa e perfumada, evitando que a roupa adquira o cheiro característico da exudação”. Mais adiante, indicando ser usado por militares e atletas, novos predicamentos do produto: “parasiticida, poderosíssimo e calmante da pele, por excelência, nada há mais indicado e eficaz para proteger e amaciar a pelo depois de fazer a barba.”³⁰

O político

O interesse de Raymundo pela política ficou demonstrado pela participação na primeira constituinte do Estado do Piauí. Quando de sua transferência para Manaus a cidade fervilhava em disputa de líderes civis e militares nos primeiros anos da República, em particular do Maranhão e Piauí. Natural, portanto, sendo pessoa influente e bem relacionada em uma cidade ainda pequena, que se voltasse para a luta política ou a ela fosse convocado por amigos e companheiros de profissão.

Para este fim foi inscrito como eleitor de Manaus em 23 de julho de 1896, ao fim do governo de Eduardo Ribeiro³¹. Seu irmão Anísio experimentaria a política amazonense antes dele, no governo de José Cardoso

²² Os produtos eram vendidos na Farmácia do Povo, na Rua dos Barés, em Manaus.

²³ Em 1913 sua farmácia estava instalada na Rua dos Barés, bairro dos Remédios, em Manaus.

²⁴ O endereço era Rua do Catete, n. 339, depois alterado para 175, no Rio de Janeiro.

²⁵ O laboratório funcionava na Rua da Alfândega, no Rio de Janeiro. Dirigido pelo Dr. Alberto Brandão.

²⁶ Era dirigido pelo Dr. José de Araújo Coelho.

²⁷ DIÁRIO DO MARANHÃO, 4 de novembro de 1901.

²⁸ DIÁRIO DO MARANHÃO, 4 de novembro de 1904.

²⁹ PACOTILHA, São Luís, 15 de agosto de 1902.

³⁰ A CARETA. Rio de Janeiro, 28 de maio de 1932.

³¹ O referido registro o tornou apto a atuar na vida político-partidária.

Ramalho Júnior (1898-1900). Outros membros da família também seriam políticos, anos mais tarde, como José Palhano de Saboia e Adalgásio Palhano de Jesus, irmão do cônego Palhano de Jesus que foi vigário de Codó.

Desde sua inscrição eleitoral em 1896 até 1910 não foi possível palmilhar a trajetória política de Raymundo, quem sabe tenha retornado ao Maranhão, lá permanecendo durante algum tempo, até 1904. Em 1910 a capital amazonense vivia período de grave conturbação e renovação política. O bombardeio e a deposição do governador Antônio Bittencourt deixaram a cidade em reboço. No mesmo ano foi realizada a primeira eleição para prefeito, juntamente com a de vereadores da capital. De um lado Bittencourt comandava os republicanos e de outro os remanescentes da ala do vice-governador Sá Peixoto. Em meio à agitação estavam Guerreiro Antony, Adriano Jorge, Silvério Nery, Jorge de Moraes, Ephigênio de Salles na disputa pelo poder. As urnas, ou as atas, não há como precisar ao certo, escolheram Jorge de Moraes para prefeito de Manaus, para o mandato de 1911 a 1913³². O que ficou evidenciado foi o afastamento do grupo de Sá Peixoto do poder, ele que fora influente e vice-governador e que depois de ter armado o clima e a crise que culminaram com o bombardeio de Manaus foi obrigado a ausentar-se da cidade.

Na mesma eleição de Jorge de Moraes para prefeito foram eleitos para a Câmara Municipal os vereadores: Marçal Ferreira (presidente), Eusébio Caldas, José Liberato, Aprígio de Menezes, Anselmo Mendes, Sérgio Pessoa, Joaquim Sarmento, Domingos Queiroz e Raymundo Palhano para o mesmo triênio até 1911/1913.

Na sessão de 15 de maio de 1911, quando da apresentação do primeiro relatório de governo municipal, Palhano foi da comissão de recepção ao prefeito na companhia dos vereadores José Liberato e Aprígio de Menezes. De forma efetiva integrou a comissão de Fazenda, Patrimônio e Orçamento da Câmara. Era um período de muita dificuldade financeira. Época de Guerra Mundial, queda abrupta da exportação da borracha, empobrecimento de todos. O prefeito desenvolveu esforços para contrair empréstimo externo para fazer frente às despesas da comuna e promover investimentos que a cidade reclamava. Ainda não havia a consciência que a decadência da economia se tornaria uma realidade irreversível. Havia políticos que apoiavam as intenções de Jorge de Moraes. Outros nem tanto, outros se posicionavam contrários ao empréstimo, e até de forma agressiva e ofensiva. Palhano, vereador da cidade, estava entre os que apoiavam a contratação de empréstimo externo, portanto, dentre aqueles aos quais Jorge de Moraes ao fim do mandato classificou de “meus amigos,” em contraposição aos que designou de “cães”. Pouco depois, possivelmente sentindo a necessidade de ampliar a participação política, foi candidato a deputado federal nas eleições de 1915, sem lograr êxito.

Teria sido essa e somente essa a sua experiência política no Amazonas? Esse aspecto reclama pesquisa e esclarecimento, mas é possível encontrá-lo, em 1918 integrando o Partido Republicano Amazonense, por Maués, época na qual o maior esforço de todos os partidos era promover o alistamento eleitoral dos cidadãos: moderna exigência da lei. Em 1920 apoiou a candidatura do Dr. W. Ferreira juiz e político que enfrentou o governador Pedro Bacellar com seu candidato, Rego Monteiro, afinal vitorioso. Quatro anos depois, fiel à mesma linha política contrária a Rego, apoiou a intervenção federal diante da crise do governo reguista e da revolução de 1924.

E de que forma terá contribuído ainda mais na vida política estadual? Fica a indagação à espera de pesquisadores que sejam capazes de desvendar essa trajetória cuja pista é agora oferecida. Terá sido motivado à luta por Carlos Theodoro que integrava o grupo de Adriano Jorge?

Na Universidade Livre de Manáos

A efervescência econômica e cultural no Amazonas e de modo particular em Manaus e nas cidades polo da produção de borracha como Humaitá, Borba e Lábrea permitia ousadias utilizando instrumentos modernos de transformação social. Nesse cenário, decorrente da escola de instrução militar surgiu a Universidade Livre de Manáos que teve grande influência na formação e animação política, social e intelectual daquela geração.

³² Jorge era até então senador da República, e muito bem posicionado no senado.

Foi iniciativa singular de várias personalidades, especialmente Pedro Botelho da Cunha, Astrolábio Passos, Antônio Bittencourt e Eulálio Chaves. Raymundo de Carvalho Palhano teve participação ativa na instituição, sob vários aspectos, sendo dos que subscreveram a ata de fundação no dia 2 de fevereiro de 1909, sendo considerado Fundador de Honra, dentre os doze membros da instituição que receberam tal distinção³³.

A Escola Universitária ao ser inaugurada fixava em seu estatuto a criação dos seguintes cursos: Três Armas; Engenharia Civil, Agrimensura, Agronomia; Ciências Jurídicas e Sociais; Farmacêutico e bacharelado em Ciências Naturais e Farmacêuticas; e, Ciências e Letras.

Nesse contexto Raymundo Palhano foi fundador, professor, preparador, vice-diretor de escola e aluno da Universidade Livre de Manáos, destacando-se na liderança dos estudantes do curso que escolheu para aprimorar sua formação: ciências jurídicas e sociais, da mesma forma que vários outros bacharéis.

Na escola de Ciências Jurídicas e Sociais na qual ingressou em 1911, passou a ser colega de aula de outros farmacêuticos como Arthur Studart, Hermes Tupinambá e Germano Guerreiro, e de Adriano Jorge, o médico e pensador, no primeiro ano da faculdade. À época eram 156 alunos ao todos na universidade, dos quais 56 no curso de ciências jurídicas e sociais. Raymundo era um dos 19 maranhenses a frequentarem as aulas, todos submetidos inicialmente 1ª direção do Dr. Simplício Coelho de Rezende e depois a Pedro E. Regalato Baptista. Na escola foi aluno de Heliodoro Balbi, Ricardo Amorim, Araújo Filho, Achiles Beviláqua, Gilberto Saboia e Simplício Rezende, dentre outros. Ainda em 1911 participava do movimento estudantil da universidade integrando a União Acadêmica, uma espécie de diretório de estudantes, sendo um dos redatores da Revista Acadêmica, ao lado de Furtado Belém, Carlos Chauvin, Miranda Simões, Armando de Berredo, José Chavelier e outros.

Nessa condição (aluno de Direito), foi o orador oficial da solenidade comemorativa do segundo ano de criação da entidade quando “numa oração de folego, mostrou a inquebrantabilidade do caráter, a força da vontade e a grandeza da alma estudantina. Salientou os méritos moral e intelectual da comissão que foi ao Pará, e terminou saudando a ciência nas pessoas dos Drs. Astrolábio Passos e Eulálio Chaves”³⁴. Foi uma festa de grande destaque na época.

Diverso de Adriano que abandonou os novos estudos, Palhano colocou grau na primeira turma ao lado de Sadoc Pereira, Arthur Studart, Domingos Queiroz, Hermes Tupinambá, José Chevalier, Manoel de Miranda Simões e Temístocles Gadelha, formando-se em 1914³⁵. Na ocasião, dentre tantos brilhantes alunos, ele foi o orador da turma, em solenidade bastante concorrida. A festa teve início às 14 horas, sendo aberta por Astrolábio Passos, com a presença de várias autoridades, entre elas o prefeito de Manaus, secretário do Governo, grande número de professores formando a Congregação e uma animada plateia. Teve a apresentação de orquestra sob a regência do maestro João Donizetti, e o canto do hino acadêmico por alunas do Instituto Benjamin Constant. Momento especial foi quando após a primeira diplomação a orquestra executou Lutspiel, de Keler-Bela.

O discurso de Palhano, em nome dos bacharéis em Direito foi bastante elogiado. Os registros da revista da Universidade dão bem a dimensão ao afirmarem ter sido ele escolhido por justiça e “proferiu um discurso notável que é um forte atestado de sua cultura científica. Vivamente aplaudido ao terminar, (...) fez-se ouvir durante sua longa oração por todo o auditório.”³⁶

Ao deixar a Universidade, formado em Direito, participou do grupo de fundação e direção da Associação Vulgarizadora do Ensino, organizada por antigos alunos da instituição, em 17 de janeiro de 1918. Participou da sua diretoria no período de 1920-21, como 2.º vice-presidente, à época da presidência de Gentil Bittencourt. E, ao mesmo tempo, integrava a congregação da Universidade, atuando em outra área de ensino.

³³ Era a designação conferida pelo art. 103 do Estatuto da Universidade.

³⁴ CORREIO DO NORTE, Manáos, 30 de agosto de 1911.

³⁵ Na foto da solenidade, conhecida e editada na revista da Universidade, em primeiro plano, Raymundo Palhano aparece ao lado de Hermes Tupinambá, Isidoro Maquiné e Temístocles Gadelha, e dos professores Marrocos e Souza Rubim. A colação foi a 19 ou 21 de dezembro de 1914.

³⁶ ARCHIVOS DA UNIVERSIDADE DE MANÁOS, Ano IV, Vol. IV, n. III, julho a dezembro de 1914, Manáos: Imprensa Oficial, 1914, p. 93

O professor

O magistério amazonense naqueles anos foi campo fértil para vários profissionais da área do direito e das ciências médicas e farmacêuticas. São vários os professores dessas categorias notadamente nos colégios públicos mais importantes: o Ginásio Amazonense Pedro II, e, a Escola Normal. Raymundo Palhano ofereceu sua contribuição ao magistério que também era um emprego bastante desejado.

Inicialmente foi professor substituto do Ginásio Amazonense Pedro II, paralelamente à função de preparador de laboratórios na Escola Normal, atividade que exerceu em largo período sob a direção dos professores Júlio Nogueira, Benjamin Ferreira Valle e Benedicto Sidou. Também foi preparador de física e química do Ginásio Amazonense Pedro II, e mais tarde do curso de Agronomia da Universidade Livre de Manáos na qual atuou no curso de Farmácia, ao lado de Basílio Franco de Sá, Costa Fernandes e Vicente Telles de Souza.

Mediante aprovação em concurso público foi nomeado preparador efetivo da cadeira de física e química do mesmo Ginásio Amazonense³⁷, em 14 de janeiro de 1897. Pouco tempo depois, em março de 1897 foi designado para reger a cadeira de Geografia e Astronomia do Ginásio³⁸. Também integrou bancas de concurso público para seleção de professores, especialmente na cadeira de História Natural e de Geografia, inclusive na Escola Normal juntamente com os professores Monteiro de Souza e José Maria Neves, em 1898³⁹. Na Universidade desde que foi nomeado para professor em 1909, lecionou química industrial e examinou Química, Química Médica e História da Filosofia, em vários anos e cursos.

Foi professor efetivo da Escola Agrônômica, antiga Escola Média de Agricultura, da qual foi diretor do Aprendizado Agrícola, e vice-diretor da Escola Agrônômica ao tempo do diretor Antônio Telles de Souza. Depois foi elevado a professor catedrático da Escola Agrônômica, cargo no qual foi colocado em disponibilidade.

Esteve presente na sessão de instalação do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, a 25 de março de 1917. Naquele ano, mesmo havendo indicações de que trabalhava em Parintins, frequentava com certa assiduidade a capital, e foi membro da Liga da Defesa Nacional no Amazonas, ao lado de Pedro Bacellar, Esmeraldo Coelho, Ramalho Júnior, Crespo de Castro e um grande número de pessoas, todas de relevância na sociedade da época.

Fiel ao esquadro

Há registros de sua participação na maçonaria no Maranhão, especialmente na Loja “Renascença Maranhense,” no ano de 1904, na condição de venerável mestre, tendo sido um dos oradores do jantar festivo realizado após a posse dos novos quadros da loja⁴⁰.

Na maçonaria amazonense, iniciada em 1871 com a instalação da Loja Esperança e Porvir n.º 1, Raymundo Palhano ocupou lugar de destaque. Em 1910, ano fatídico para as liberdades e a segurança da cidade de Manaus, foi eleito Grande Orador Adjunto do Grande Oriente Estadual, na Assembleia Geral da entidade, então presidida pelo ex-governador José Cardoso Ramalho Júnior⁴¹. Tempos depois integrou o Tribunal de Justiça da mesma potência. Na ocasião atuava ao lado de Feliciano Lima, Antônio Krichanã da Silva, Pedro Henrique Cordeiro Júnior e Venâncio Igrejas Lopes, dentre outros. A maçonaria era uma escola e os que galgavam posições relevantes tinham efetivamente valor.

Possivelmente em razão de ter sido entidade criada por esforço de vários maçons, sob a liderança de Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt e Agnello Bittencourt, Raymundo foi um dos doze fundadores da

³⁷ DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, Manáos, 3 de janeiro de 1897.

³⁸ DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, Manáos, 17 de março de 1897.

³⁹ DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, Manaus, 4 de julho de 1898.

⁴⁰ PACOTILHA, São Luís, 20 de junho de 1904.

⁴¹ A eleição foi em assembleia de 9 de julho de 1910. CORREIO DO NORTE, Manaus, 10 de julho de 1910.

Sociedade Asilo de Mendicidade de Manaus, atual fundação Dr. Thomas⁴², por decisão da assembleia geral do Grande Oriente Estadual do Amazonas, em 26 de agosto de 1909. Estaria também praticando as orientações da doutrina espírita?

O propagador do espiritismo

Dentre as muitas facetas que ressaltam de sua vida, Raymundo Palhano se dedicou ao estudo e prática do espiritismo, especialmente na função de propagador. Para tanto editava o jornal *O Guia*, cuja circulação teve início em 15 de dezembro de 1905 com distribuição preferencial em Manaus. O órgão soma-se à trilha de outros jornais de cunho espírita publicados na capital amazonense como o *Mensageiro*, *O Semeador* e *A Luz da Verdade*. É que a imprensa escrita era o melhor e mais eficiente caminho de comunicação com a sociedade, por isso mesmo os jornais se multiplicavam em Manaus, sob os mais diversos matizes e objetivos. Neste particular diversos pesquisadores apresentaram análises as mais variadas apreciando o conteúdo, objetivos e mensagens do jornal, portanto, cuidando da inspiração que orientava Palhano.

Tendo atuado em Parintins, segundo consta, terá tido conhecimento das vivências espíritas que ali sucederam, inclusive, com a família Prado?

Uma faceta especial de sua vida se reporta ao embate jornalístico a que se propôs em relação ao respeitável escritor e cientista francês Charles Richet, escritor e poeta, polêmico, sobretudo pelas teorias que apresentava e defendia desde quando começou a publicar seus estudos em 1877 com *Os venenos da inteligência*. Seguiu na mesma esteira ainda em 1930, aos 80 anos de idade, quando dirigia a *Revue Scientifique*, e presidiu o Congresso Nacional da Paz, em Paris, como membro do Instituto de França e da Academia de Ciências de Paris. Antigo e inveterado materialista que jurava não acreditar na vida extraterrena⁴³, acabou por promover, ele mesmo, uma ponte entre o materialismo e o espiritismo, com sua importante obra. Esteve ao lado de William Crookes, Geley, Lodger, Russel Wallace, Bozzano, Cesar Lombroso, cientistas e pesquisadores que foram atraídos e vencidos pelos fenômenos espiritistas.

Esteve no Rio de Janeiro⁴⁴ em conferência na Sociedade de Geografia, em novembro de 1908, e no Palácio Monroe, ao lado de Enrico Ferri e Olavo Bilac atividade que teve como tema central a unidade da civilização e o espírito latino. Richet negou ser fatalista, confiava que o “homem tem uma intervenção decisiva na orientação da vida (...) precisando olhar o passado, ver de onde vem (...) estudar o passado, mergulhar nele um olhar inteligente e agudo e dirigir para o futuro sua atenção e seu esforço”⁴⁵.

Na mesma viagem Richet visitou Manaus em janeiro de 1909. Foi então que se deu o célebre embate patrocinado por Raymundo Palhano pelas colunas do jornal *O Correio do Norte*, editado sob a liderança de dois grandes tribunos: Adriano Jorge e Huascar de Figueiredo⁴⁶, ao lado dos quais esteve Carlos Theodoro, cuja relação pessoal com Palhano há de ter sido rica e proveitosa.

Tendo possivelmente nascido em Codó, terra de sua família, região conhecida e proclamada desde há muito, e ainda agora, como a cidade da umbanda, e na qual existem mais de trezentos terreiros para uma população de pouco mais de cem mil habitantes, é possível cogitar que sua vivência de infância tenha influenciado na sua formação e dedicação ao espiritismo.

A família

Família de maranhenses com piauienses, os Palhano se deslocaram para Manaus em grande número, exercendo várias atividades. Em princípio é possível afirmar que descendiam de tronco liderado por Fábio Alexandrino Mattos Palhano e Luiza Benigna Carvalho Palhano. Estes eram os pais de Raymundo de Carvalho

⁴² Trata-se de homenagem ao médico Hamilton Walterston Thomas, que atuou em pesquisa médica em Manaus. A mudança de denominação se deu a 25 de janeiro de 1932.

⁴³ O PAIZ, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1926.

⁴⁴ Morou no Hotel dos Estrangeiros, no Rio de Janeiro, com o filho.

⁴⁵ O PAIZ, Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1908.

⁴⁶ O CORREIO DO NORTE, Manaus, 28 de agosto de 1909.

Palhano, Anísio⁴⁷, Delfina⁴⁸, Isabel, Antônio, Octaviano, Joaquim⁴⁹, Luiza⁵⁰, Maneco (?) e Fábio⁵¹. E mais ainda Tereza ou Tertuliana, filha de outra relação, possivelmente com uma de suas escravas, fato, aliás, bastante comum.

Fábio Alexandrino, o pai, era homem de posses, proprietário de fazenda de algodão, muito próspera, na região do Codó. Portanto, um escravocrata que prosperou com o trabalho do braço negro, e empobreceu com a abolição. Nascido na Fazenda Bacanal, depois Santa Rosa, teve como sua principal propriedade a Fazenda Mata Virgem, perto do Rio Itapecuru, e, segundo Maurício Cadaval⁵², era chamado por todos de *papai-sinhô*, tendo desencarnado próximo dos 70 anos, pelos idos de 1889 ou 1890.

Vários dos seus filhos exerceram atividades em Manaus e no interior, e pelo menos ao que se pode comprovar, Fábio, Anísio, Joaquim, Antônio e Raymundo.

Fábio de Carvalho Palhano casado com Inês de Almeida Palhano atuou nos anos do governo Ramalho Jr., na direção do Observatório Meteorológico. Deslocando-se de Manaus trabalhou no Maranhão, desencarnando em Penedo a 6 de maio de 1933.

Anísio de Carvalho Palhano, casado com Maria Amália Quadros Palhano, foi chefe do departamento da Indústria no governo de Fileto Pires Ferreira⁵³ e depois Secretário dos Negócios da Indústria. Nesta função, a cumprimento do dever ou por razões políticas, envolveu-se em embate na imprensa e na justiça com o deputado Miguel Ribas, com troca de acusações de obras mal executadas e fraudes em livros de contratos⁵⁴. O fato é que Anísio levou o acusador às barras da justiça e o denunciou à própria Assembleia Legislativa. Tais questões o indispueram grandemente com Eduardo Ribeiro. No final dos anos 1920 foi diretor de obras no Estado do Maranhão, ao tempo do governo de Luís Domingues.

Mas seu trabalho era reconhecido na construção da capela católica da colônia Campos Salles, no projeto de construção do novo hospital da Santa Casa de Misericórdia⁵⁵, no desenho da nova igreja de Nossa Senhora dos Remédios, encomendado pela esposa do governador, dona Leonarda Ramalho⁵⁶. Deslocando-se de Manaus deve ter residido em São Luís, seguindo para o Rio, Sorocaba, Tatuí e Barbacena. Ao que consta de registros esparsos, em 1912 residia na cidade de Nova Friburgo.

Joaquim de Carvalho Palhano foi agrimensor no interior do Amazonas, registrado em 1897⁵⁷, especialmente no rio Juruá, na região de Envira. Trabalhou na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, em cuja atividade veio a desencarnar vítima de beribéri⁵⁸.

Isabel (1876-1969), residiu em Manaus, em cuja cidade correu os proclamas de seu casamento com Luiz de Azevedo Cadaval⁵⁹.

⁴⁷ Engenheiro da Comissão de Prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana. Morou no Rio de Janeiro (RJ), Sorocaba, Tatuí (SP) e Barbacena (MG).

⁴⁸ Nasceu em 1873. Não se casou e faleceu com 91 anos. Morava com a irmã Isabel Palhano Cadaval, em Belo Horizonte, Minas Gerais..

⁴⁹ Agrimensor. Engenheiro. Inspetor de Obras contra as secas, do governo federal. Casou-se com Dulcina Gonçalves Palhano e tiveram dez filhos. Os homens foram agrimensores e aturam no Paraná, especialmente em Londrina. Demarcações por ele realizadas foram utilizadas por Ruy Barbosa na célebre questão do Amazonas/Acre, para demonstrar o direito do Amazonas.

⁵⁰ Luiza era a mais velha dos irmãos, e foi mãe de José Palhano de Jesus, escritor e autor do livro *Farrapos de Tempos Idos....* Teve dois casamentos. Nasceu em 1834 e desencarnou em 1922, em Belo Horizonte, aos 88 anos.

⁵¹ Disponível em: <http://www.myheritage.com.br/person-1000041_122082031_122082031/anisio-carvalho-palhano>, Acesso em: 5 Out 2013.

⁵² CADAVAL. Maurício. Três fazendas. Acessol em: 29 Out 2013.

⁵³ A partir de setembro de 1897.

⁵⁴ CORREIO DO AMAZONAS, 13 de abril de 1899.

⁵⁵ O projeto era do arquiteto Antônio Januzzi.

⁵⁶ CORREIO DO AMAZONAS, Manaus, 27 de setembro de 1899.

⁵⁷ DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, Manaus, 2 de novembro de 1897.

⁵⁸ Joaquim teve os filhos Nair e Edson, nascidos em São Luís, e batizados em 31 de janeiro de 1902.

⁵⁹ DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, Manaus, 21 de julho de 1896.

Antônio de Carvalho Palhano, médico que atuou em Manaus, possivelmente até antes de 1895. Em 1897 compôs comissão para examinar as condições de higiene e salubridade, juntamente com Jonathas Pedrosa, Astrolábio Passos, Nemésio Quadros, Ribeiro da Cunha e Alfredo da Matta⁶⁰, recomendando medidas especialmente relativas ao combate à varíola.

Era cirurgião da Marinha do Brasil, tendo atuado na Escola de Aprendizes de Marinheiros de Terezina em 1896 de onde passou ao Batalhão Militar de Segurança do Amazonas. Três anos depois (1899) estava lotado na Flotilha do Amazonas.

Foi médico legista da Chefatura de Segurança Pública, atual Polícia Civil do Estado, em 1899, depois substituído pelo Dr. Segismundo Garcez. Naquele mesmo ano atendia na Santa Casa de Misericórdia. Colaborou na *Revista Médica*, editada pela Sociedade de Medicina e Farmácia do Amazonas. É autor de: *Elogio Histórico do Dr. Machado de Aguiar*.

Aquela sociedade se reunia com alguma regularidade e discutia temas do momento, inclusive algumas experimentações levadas a efeito em Manaus, na forma de cirurgias consideradas de alta complexidade como uso de “embriotomia”, pelo Dr. Carlos Grey, com auxílio de Astrolábio Passos e Alves Pinto, em 1899, classificada como “altamente deprimente de crédito científico.”⁶¹ A indagação pública era: houve crime, desídia ou incompetência. Ou a de “tarsectomia”, na qual Dr. Grey foi auxiliado por Astrolábio, Palhano e Jorge de Moraes, com o objetivo de tratar um “pied-bof”. Antônio foi um dos médicos que debateu pela imprensa a *causa mortis* do ex-governador Eduardo Ribeiro, e que o inspecionaram por ordem da justiça à vista do alegado abandono que teria ficado com o possível descaso do seu médico assistente, Dr. Antônio de Figueiredo. A polêmica foi grande, abordando as providências adotadas pela junta e que poderiam ter sido responsáveis pelo propalado suicídio de Ribeiro. Verdade é que a conduta foi suficiente no mínimo para provocar dúvidas. A junta era composta por Carlos Grey, Jorge de Moraes, João Coelho de Miranda Leão, além de Palhano⁶².

Fábio de Carvalho Palhano foi auxiliar de escritório da comissão de Saneamento do Estado, nomeado por Fileto. Em fins de dezembro de 1899 requereu afastamento do serviço por motivo de saúde.

Seus descendentes

Do casamento de Raymundo de Carvalho Palhano com dona Perpétua Martins ao que se sabe nasceram os filhos: Fábio, José, Antônio, Selvita.

Perpétua Martins Palhano foi comerciante em Manaus, respondendo por farmácia a Rua Sete de Dezembro, conforme autorização requerida em 1897⁶³. A sociedade era regida pela empresa M.Pereira & Cia., constituída com Júlio Verne de Mattos Pereira, e foi transformada em comandita em 25 de julho de 1900. O nome popular era Farmácia Palhano. Interessante ressaltar que a farmácia se transformou em ponto de reunião de intelectuais e professores, servindo de referência para anúncios de trabalho, como no caso do professor Vicente Telles de Souza que, lecionando ciências físicas e naturais e português, indicava a Farmácia Palhano como ponto de referência⁶⁴.

O primogênito deve ter sido Fábio Martins Palhano, nascido em 1893, que com ele veio para o Amazonas. Deve ter feito sua formação escolar em Manaus, onde exerceu o cargo de veterinário do Serviço da Indústria Pastoral, órgão do Governo Federal em 1924, e o de subinspetor de Saúde dos Portos, em cuja função se encontrava em março de 1934. Casou-se com Laura Freitas Raulino que veio a desencarnar em janeiro de 1923 no Rio de Janeiro, deixando filhas. Em segundas núpcias casou-se com Maria Rita Candiota, filha de Oralavel e Georgina Freitas, tendo os filhos Ênio, Mário e Mauro.

⁶⁰ DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, Manaus, 9 de julho de 1897.

⁶¹ COMMERIO DO AMAZONAS, Manáos, 7 de junho de 1899.

⁶² BRAGA, Robério. *Eduardo Ribeiro*. Vida e obra. Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2011, p. 262.

⁶³ DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, Manaus, 27 de junho de 1897.

⁶⁴ QUO VADIS? Manaus, 14 de março de 1903.

Outro filho de Raymundo foi José Martins Palhano que também estudou em Manaus, sendo colega de turma de Arnaldo Peres, Ruy Araújo e Theodoro Gonçalves Neto no Ginásio Amazonense Pedro II. Saindo de Manaus nos primeiros anos de 1920, possivelmente em fins de 1922, foi prefeito municipal de Viçosa, Minas Gerais, na condição de interventor, a partir de 2 de dezembro de 1945 até junho de 1946. Foi professor no Instituto Metodista Izabela Hendrix⁶⁵ na capital mineira, lecionando francês e economia política. Desencarnou em São Luís do Maranhão em 1980. Uma de suas filhas, portanto, neta de Raymundo Palhano é Sílvia Palhano Braga, nascida em Manaus em 1922, a qual logo depois seguiu para o Sul do País com a família⁶⁶.

Outro dos seus filhos, o Dr. Antônio Martins Palhano, juiz municipal em Manaus e juiz de Direito no Maranhão, foi chefe de Polícia no governo Dorval Porto, em 1930. Cargo de grande envergadura e desempenho difícil naquele período. Envolvido por dever de ofício e imprudência de seus assessores na revolução dos estudantes do Ginásio, Antônio se transformou em alvo preferencial do movimento. Mário Ypiranga o chama de “figura anêmica,”⁶⁷ logo acrescentando: “não era um homem de temperamento mau, mas permitia que dentro da Polícia Civil a sua pessoa desaparecesse obscurecida pela vontade maquiavélica do delegado Dr. Cruz Camarão”⁶⁸. A opinião do governador Dorval Porto divergia desta. Considerava elogiável o serviço policial preventivo que ele realizava, conseguindo manter a ordem em momentos agitados como os das eleições e festas, inclusive⁶⁹. Foi período de luta e intriga com os ginásianos. A moleza de Palhano em fazer cumprir a palavra, provocou o seu enterro simbólico, motivo pelo qual o Ginásio teria sido invadido por policiais civis e militares. O movimento dos estudantes tinha um alvo ainda mais importante: a deposição do governador Dorval Porto, que, aliás, se configurou, porém em razão da revolução getulista que dominou o País.

Selvita Martins Palhano foi química e trabalhou em Manaus no Laboratório de Análises Clínicas com Galdino Marques Ramos. Depois foi do Laboratório Nacional, nomeada em março de 1927 pelo ministro da Fazenda para a Alfândega de Santos.

Outros Palhanos

Não tendo conseguido estabelecer elo familiar entre todos os Palhano que atuaram em Manaus, os quais de alguma forma devem ter relação com Raymundo de Carvalho Palhano, e com o intuito de contribuir para novos estudos a respeito registro outras anotações.

Anísio Palhano de Jesus atuou em Manaus na comissão de Saneamento do Estado⁷⁰. Era agrimensor com Samuel Pereira, Adolpho Radice, Benedito Lima, dentre outros. Em 1898 era contratante de obras em Manaus, trabalhando em aterros e desaterros de vias públicas.

Herbert Palhano, professor e autor de diversos títulos de Língua Portuguesa, como: *Língua e Literatura*, 1957; *Nos domínios da boa linguagem*, 1958; *A língua popular*, 1958; *Gramática da Língua Portuguesa*, com Carlos Góes, 1965, todos com várias edições. Foi professor do Ginásio Amazonense Pedro II. Dá nome a uma escola na cidade de Manaus, a Rua Djalma Dutra, bairro Nossa Senhora das Graças, na qual minha irmã Ana Maria dos Santos Pereira Braga atuou como professora primária nos primeiros anos de sua vida profissional e até formar-se em Medicina pela Universidade Federal do Amazonas.

Luiz Pinto Palhano, era tenente e membro da Sociedade Cosmopolita de Benefícios Mútuos Previdente Amazonense, em Manaus, nos anos 1906.

⁶⁵ O Instituto Metodista Izabela Hendrix foi criado em 1904, pela missionária norte-americana Martha Watts. Foi fundado em 5 de outubro de 1904. Ela era missionária da Igreja Metodista do Sul dos Estados Unidos. No início, era um colégio destinado à educação de mulheres, o primeiro de Minas Gerais a reconhecer seus direitos e compreender a importância da atuação feminina na sociedade.

⁶⁶ É sogra do Dráuzio Varela e mãe da artista de televisão Regina Braga, e de Rita Braga, além de ser avó do artista Gabriel Braga Nunes.

⁶⁷ MONTEIRO. Mário Ypiranga. Mocidade viril. 1930. Motim ginásiano. Manaus. 1996. p. 110.

⁶⁸ Idem, idem.

⁶⁹ AMAZONAS. Mensagem do presidente do Estado, Dr. Dorval Pires Porto, apresentada a Assembleia Legislativa do Estado, em Manaus, 1930, p. 23.

⁷⁰ DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, Manaus, 1 de setembro de 1897.

José Amazonas Palhano aluno do ginásio e fez parte da revolução ginasiana em 1930. Fui depois conhecido como médico da Secretaria de Estado de Saúde, ao lado de quem trabalhava a minha tia Maria Wanderley. Foi secretário de saúde várias vezes e desportista.

Benedicto Palhano residia em Manaus em 1903.

José Palhano de Jesus, engenheiro da Companhia das Águas do Piauí, em 1905, era primo de Fábio Alexandrino.

Padre Palhano de Jesus, líder da Liga do Bom Jesus, na década de 1930, em Cuiabá.

J. Martins Palhano, chefe do cooperativismo da Prefeitura Municipal de Aiuruoca, Minas Gerais, em 1940.

Anísio Palhano de Jesus, farmacêutico no Maranhão, e detentor de prêmios profissionais naquele Estado, possivelmente integrante da empresa Palhano & Passos.

Lauro Palhano de Jesus, destacado escritor, com homenagens literárias de Peregrino Júnior, especialmente pela obra intitulada *Gororoba*, incluído entre as mais importantes da literatura amazônica⁷¹, também autor de *Paracoera*, romance, inscrito dentre os grandes escritores que se dedicaram à região amazônica como Ferreira de Castro, Abguar Bastos, Araújo Lima, Raul Bopp, Francisco Galvão e Aurélio Pinheiro.

Danilo Raymundo Palhano, citado na imprensa carioca na década de 1960.

Comandante Raymundo Palhano, do navio Almirante Alexandrino, funcionando na época como navio prisão, em 1963, com militares e civis presos em razão da chamada revolução de Brasília⁷².

José Martins Palhano Jr. músico em Minas Gerais. José Martins Palhano, advogado atualmente em Minas Gerais.

O desencarne

Faleceu no Rio de Janeiro, aos 80 anos, em 1948. Cabe-nos reacender a sua história de vida e valorizar a sua herança.

⁷¹ PEREGRINO JÚNIOR. Fabulário indígena da Amazônia. A MANHA. Suplemento Literário. 9.11.1942.

⁷² CORREIO DA MANHA, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1963.

